

# economia

## Trump diz que decretará tarifas sobre Canadá e México

Presidente afirmou que medidas serão tomadas no dia 1º de fevereiro

/ ESTADOS UNIDOS

O presidente recém-emposado dos Estados Unidos, Donald Trump, disse na noite desta segunda-feira que pretende impor tarifas sobre produtos do Canadá e do México no dia 1º de fevereiro. Ao falar com jornalistas enquanto assinava uma série de ordens executivas, Trump citou a possibilidade de aplicar tarifas de 25%, mas disse que a alíquota ainda será definida. O presidente não citou quais produtos seriam taxados.

“Se você quer evitar tarifas, tudo o que você precisa fazer é construir sua fábrica nos Estados Unidos”, afirmou Trump, que acrescentou que deseja que muitos trabalhadores estrangeiros continuem indo para o país, desde que de forma legal.

O novo chefe da Casa Bran-



Trump citou a possibilidade de aplicar tarifas de 25% aos países

ca também disse que os Estados Unidos “muito provavelmente” irão parar de comprar petróleo da Venezuela e que já tem conversado sobre o tema com o novo secretário de Estado, Marco Rubio.

Trump ainda disse que o

presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, estaria interessado em fazer um acordo para pôr fim à guerra contra a Rússia. “Eu acho que ele (Zelenski) estaria muito melhor se essa guerra terminasse”, afirmou.

## Analistas projetam relações entre Estados Unidos e Brasil

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

A nova gestão do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, gera expectativas no Brasil. De acordo com o professor de Relações Internacionais e Política Externa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), André Luiz Reis, “a tendência é uma relação binacional Brasil - Estados Unidos sem grandes sobressaltos, mas claro que acompanhada de um crescente distanciamento”.

Reis explica que esse distanciamento é um movimento geopolítico de transição dos Estados Unidos para uma ordem mais multipolar. “Enfim, (estão incluídas neste contexto) as posições do Brasil como sendo uma potência regional. O professor também destaca a relação que o Brasil tem junto aos Brics (Rússia, Índia e China), por outro lado, ele analisa que não há o interesse do Brasil em se afastar dos Estados Unidos. “Os Estados Unidos significam um polo importante para o Brasil se equilibrar nas ações internacionais”, cita.

O professor salienta que o Brasil possui uma intensidade de relações econômicas, políticas e comerciais, investimentos, emi-

gração, cultura, educação, entre outros fatores, que são muito fortes com os Estados Unidos. Segundo ele, não haverá um estreitamento nas relações. Reis acredita que, assim como ocorreu no passado, as diferenças entre os dois países deva aparecer nos fóruns multilaterais em vários temas e campos, mas do ponto de vista das relações bilaterais, eles deverão procurar manter uma agenda construtiva, sem grandes sobressaltos.

Segundo Reis, há uma certa imprevisibilidade sobre as ações futuras do presidente Trump, isto pode ser considerado como um ponto nevrálgico na sua administração e para as relações internacionais binacionais para que não tenha nenhum tipo de sobressalto. “É por esse motivo que o governo brasileiro vem mantendo uma certa cautela desde o momento da eleição de Trump, na espera dos primeiros movimentos de sua administração”, explica.

O professor de Relações Internacionais da UniRitter, João Gabriel Burmann, prevê um cenário difícil a partir da posse do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. “A principal preocupação do governo Trump será o de reposicionar os Estados Unidos nas

relações internacionais, por isso uma pressão para um cessar-fogo entre Israel e o Hamas em Gaza; fim da guerra entre Rússia e Ucrânia e os discursos mais ofensivos em relação a Groenlândia, o Canadá”, destaca.

De acordo com Burmann, a ideia de Trump deve ser reposicionar os Estados Unidos para poder fazer frente à China na competição nas questões comerciais e tecnológicas. “Competição, segundo o professor, não só militar, mas também envolvendo investimentos em infraestrutura na América Latina e na Europa. Pontos que os Estados Unidos perdeu nos últimos oito ou 10 anos”, explica.

As relações internacionais envolvendo os Estados Unidos com o Brasil são uma grande incógnita, segundo Burmann. O professor diz que houve muito mais o interesse de aproximação do ex-presidente Jair Bolsonaro do que os Estados Unidos com o Brasil. “No momento em que Trump assume o governo dos Estados Unidos, ele passa a conduzir a administração para uma política externa voltada aos interesses do país”, cita.

O professor analisa que a postura dos Estados Unidos com a América Latina deverá ser mais dura neste mandato do Trump.

## Protecionismo de Trump traz riscos e oportunidades para Rio Grande

Tais Carolina, de Rio Grande

As relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos estão no centro das atenções a partir da posse do presidente estadunidense Donald Trump, especialmente no Porto do Rio Grande, um dos maiores complexos portuários da América Latina. Responsável por exportações de destaque como soja e produtos industriais, o porto movimentou mais de 892 mil toneladas de produtos com destino aos Estados Unidos apenas em 2024, consolidando o país como o quarto principal parceiro comercial do Rio Grande do Sul.

No entanto, o cenário de incertezas gerado pelas políticas protecionistas defendidas por Trump preocupa especialistas. O discurso de valorização da indústria americana e a possibilidade de sobretaxação de produtos estrangeiros são fatores que podem impactar diretamente a competitividade dos produtos brasileiros no mercado americano.

Para Antônio Carlos Bacchieri Duarte, coordenador de operações portuárias da Bianchini S/A e diretor de infraestrutura da Federasul, o momento exige cautela. “Se ele vai valorizar a indústria americana, algumas indústrias que não estavam num bom momento poderão, através de subsídios do próprio governo, produzir produtos e vender internamente com vantagens sobre importados, como os brasileiros, que podem ser sobretaxados. Mas é algo que precisamos acompanhar mais adiante para entender se o discurso se transformará em prática”, afirma Bacchieri.

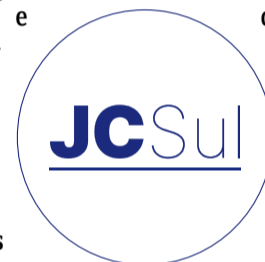
Apesar das preocupações, há estratégias que podem mitigar os efeitos dessas possíveis barreiras comerciais. A alta do dólar, por

exemplo, pode favorecer as exportações brasileiras, tornando os produtos mais competitivos mesmo em um cenário de taxações. “Com o dólar alto, as exportações se tornam mais vantajosas. Mesmo com uma taxação, o negócio pode ser viável. E uma sobretaxa muito alta pode levar à escassez de produtos nos Estados Unidos, o que seria inflacionário”, explica Bacchieri.

Outro fator que pode beneficiar o Brasil é a dinâmica do mercado de soja. Dados da Portos RS mostram que a soja é o principal produto exportado pelo Porto do Rio Grande, com a China sendo o principal destino. Segundo Bacchieri, caso o governo americano intensifique disputas comerciais com a China, o Brasil poderá ampliar suas exportações de soja para o gigante asiático. “A tendência é que a China compre ainda mais de nós, caso os Estados Unidos iniciem uma guerra comercial com eles”, avalia.

A importância estratégica do Porto do Rio Grande vai além das questões econômicas. O complexo desempenha um papel essencial na conexão do Brasil com mercados globais, contribuindo para a movimentação de produtos que sustentam economias locais e geram empregos. Diante do cenário de desafios e oportunidades, é essencial que governo e empresas estejam atentos às mudanças no comércio internacional e preparados para adaptar suas estratégias, acredita o executivo.

Para os especialistas como Bacchieri, o equilíbrio entre competitividade, inovação e fortalecimento das relações diplomáticas será a chave para manter o Porto do Rio Grande como um dos principais motores da economia gaúcha e brasileira.



Possíveis disputas comerciais entre EUA e China podem beneficiar RS